

# SAÚDE, ESTÉTICA, MÍDIA: DISCUSSÕES POSSÍVEIS À EDUCAÇÃO FÍSICA E IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*HEALTH, AESTHETICS, MEDIA: POSSIBLE DISCUSSIONS IN PHYSICAL EDUCATION AND THEIR IMPLICATION IN TEACHER EDUCATION*

**Cristiano Mezzaroba**

Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Alagoas, SE, Brasil  
[cristiano\\_mezzaroba@yahoo.com.br](mailto:cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br)

**Danielle Torri**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Santa Catarina, SC, Brasil  
[danielletorri@yahoo.com.br](mailto:danielletorri@yahoo.com.br)

---

**Resumo.** Neste texto, em forma de ensaio com exemplos recortados de alguns portais da internet, tecemos considerações e reflexões em torno da relação entre saúde, estética e mídia, tendo como propósito as implicações disso nas formas de subjetivação de cada um e de todos, e também à Educação Física como campo de conhecimento, numa sociedade cada vez mais pautada pela comunicação midiática e seus modos de agir e circular informações, discursos e conhecimento. Consideramos, ao fim, o importante papel do professor de Educação Física neste processo de mediação pedagógica e cultural, confrontando, responsabilmente e cientificamente, discursos midiáticos.

**Palavras-chave:** Saúde, Mídia, Educação Física.

**Abstract.** In this work, as an essay shaped and illustrated with examples extracted from some Internet portals, we utter considerations and reflections on the relation between health, aesthetics, and media, taking that analysis implication in the forms of subjectivity of each subject and subjects as a whole, as well as in the Physical Education as a field of knowledge, in an increasingly mediated communication guided society and its ways of acting and of circulating information, discourse, and knowledge. At last, we take into consideration the important role of Physical Education teachers in the pedagogical and cultural mediation process, confronting, respectively and scientifically, media discourses.

**Keywords:** Health, Media, Physical Education.



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inegável que é histórica a relação que a Educação Física tem com a temática da saúde (SOARES, 2007; SOARES et al, 1992; BRACHT, 2001; CARVALHO, 2009), assim como é inegável também a contemporaneidade das questões estéticas<sup>1</sup> – do tal “corpo sarado”, do tal “corpo perfeito”, do tal “corpo saudável” – via produção midiática intensamente circulantes e difundidas em nossa sociedade (CORREIA, ZOBOLI, MEZZARROBA, 2013; MATOS, MEZZARROBA, ZOBOLI, 2014; SILVA, MEZZARROBA, ZOBOLI, 2014).

Não precisamos ser experts para constatar que as relações que se fazem a partir do “corpo” tendem a aproximar aquilo que é “bonito” àquilo que é “saudável” – muitas vezes denunciado como um senso comum bastante presente em discursos de pessoas comuns, de profissionais diversos que trabalham com o “corpo”, de jornalistas, de profissionais da saúde e também da educação, e, claro, professores de Educação Física, tanto do âmbito escolar como aqueles que atuam na iniciativa privada.

Boa parte dessa “circulação” de pensamentos a este respeito circunscrevem-se à uma forma que é material, mas também fortemente simbólica – pelo poder simbólico (BOURDIEU, 2011; THOMPSON, 1998) –, a partir dos vários veículos midiáticos, em especial a televisão, as revistas e ultimamente, via internet e sua multiplicidade de recursos, tida como a mídia da modernidade que aglutina todas as demais mídias.

Essa diversidade de veículos midiáticos, cada um a sua maneira, mais que seu próprio modo de produção material de conteúdos, informações e “produtos culturais” que povoam intensamente o nosso cotidiano, tem também, concomitante, uma produção simbólica de subjetividades, conforme denunciado no conceito de indústria cultural cunhado no final da primeira metade do século XX pelos filósofos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985). Apesar das críticas que atualmente se endereçam ao conceito, não nos restam dúvidas que o que está em jogo, na atualidade, é uma intensificação dessa “produção cultural” a partir dos recursos modernos advindos principalmente com a internet e também com equipamentos móveis que estão cada vez mais presentes na vida de todos nós, inclusive, tornando-se, inegavelmente, de fácil aquisição.

Assim, consideramos, conforme Duarte (2010) e Zuin (2001), que bem mais que as críticas que se tecem ao referido conceito, o que se pode afirmar e constatar é que sua essência se configura num conceito bastante atual, pertinente e relevante (também reafirmado por COSTA, 2001), porque se amplia ainda mais com o advento e uso da internet e dos aparelhos móveis como tablets e celulares, bem como, também, como um instrumento que permite realizar a crítica das condições sociais quanto à semiformação construída, difundida e referendada pela mídia em seu conjunto. Entretanto, a indústria cultural, esse véu do tempo presente, é atual e mais do que nunca se apresenta com todas as suas forças, onde tudo pode ser vendido e sempre há algo pensado para cada – se podemos chamar assim – indivíduo. Essa dominação parece ser uma clara evidência da semiformação (Halbbildung), evidenciada por Horkheimer e Adorno (1985). Nem tudo, entretanto, é alienação, embora bem poucas oportunidades para resistência sejam apresentadas, pois a indústria cultural parece contribuir de forma decisiva para a manutenção desse modelo de subjetivação (DURÃO; ZUIN; VAZ, 2008).

Na escola, muitas vezes, tais questões emergem quando algo estranho ou conflituoso ocorre, como nos atuais casos de bullying, em que geralmente é o “corpo” que é o código para ser pré-

---

<sup>1</sup> Não desconhecemos que a *estética*, filosoficamente, refere-se, em síntese, a uma abordagem e reflexão em relação aos sentidos humanos, apresentando-se como algo muito maior e complexo em relação à forma que aqui estamos tratando como “estética”, ou seja, num sentido mais superficial, restrito, relacionado ao senso comum, inclusive, do que seria a estética em relação apenas a um padrão corporal, daquilo que é “belo”, intensamente produzido e veiculado por veículos midiáticos, em associação com empresas e com o mercado em geral, bem como em conjunto com uma parcela do campo científico. Conforme percebemos na própria tentativa de Abbagnano (2007, p.367) em conceituar e definir o que seria *estética*, há uma certa complexidade em designá-la ciência da arte e do belo. Para tal autor, há três problemas centrais em relação ao domínio da estética: (1) a relação entre arte e natureza; (2) a relação entre arte e homem; (3) função da arte. (ABBAGNANO, 2007).

conceituado diante de padrões presentes em maneiras sutis de alguém debochar de outro alguém por características físicas “diferentes”, “estranhas”, “fora do padrão” etc.

Certamente nessa relação entre saúde, estética e mídia há elementos importantes e interessantes a serem pontuados, tensionados, refletidos e criticados quanto pensamos na mediação pedagógica daqueles professores que, na escola, possuem essa proximidade com os/as alunos/as nas questões relativas ao “corpo”. Há que se considerar, também, que os professores de Educação Física, em certa medida, reforçam identidades e aprofundam estereótipos em relação às temáticas sobre saúde e estética, porque também são produtos de um tempo e de uma cultura que reforça tais discursos e práticas.

Sem o propósito de tecer generalizações e com isso cair em determinismos, nosso intento, neste ensaio, como professores de Educação Física e pesquisadores deste campo do conhecimento, será o de refletir a respeito desta, digamos, “triade”, composta por temas como “saúde” e “estética”, diante deste dispositivo contemporâneo que chamamos de “mídia”<sup>2</sup>, trazendo elementos e exemplos que podem ser observados e analisados sob o viés da indústria cultural, na tentativa de articular a discussão com possibilidades pedagógicas para a Educação Física escolar, bem como, ao contexto de uma formação de professores deste campo de saber/fazer que estejam vinculadas a um pensamento sociocultural<sup>3</sup> sobre tais questões complexas.

Assim, o texto está organizado da seguinte maneira: num primeiro momento, sem nos alongarmos demais, exporemos nosso entendimento em relação aos termos aqui considerados principais (saúde, estética, mídia, indústria cultural e Educação Física). Na sequência, apresentaremos e discutiremos exemplos diversos, extraídos de vários portais ou sites da internet que pensamos serem bons “modelos” de um discurso senso comum e que reforça ideias e concepções “confusas” sobre saúde e estética (e o corpo que se “pretende” com essas práticas discursivas, imagéticas e consumistas). Por fim, finalizamos o texto exercitando um diálogo possível quanto às implicações disso tudo àqueles responsáveis por tratar tais questões na escola/sociedade, os professores de Educação Física e sua responsabilidade pedagógica e cidadã diante deste cenário.

### **ALGUMAS CONCEITUAÇÕES BREVES, PORÉM NECESSÁRIAS...**

Muitos dos termos-chaves aqui presentes são bastante triviais em nosso cotidiano, como “saúde”, “estética”, “mídia”, “Educação Física”. Além destes, o termo “indústria cultural”, não tão usual assim, talvez esteja mais restrito ao universo acadêmico das Ciências Humanas e Sociais, sendo tratado, também, no campo jornalístico, de maneira reducionista ou superficial (muitas vezes como um conceito “ultrapassado”). Entretanto, entendemos que é sempre importante contextualizá-los, exercício este que implica sua conceituação, indicando os pressupostos, os quais orientam nossas reflexões. É isso que faremos neste tópico, uma breve, porém necessária, conceituação dos nossos termos-chaves.

Iniciamos com o termo saúde. Parece algo fácil falar ou tentar conceituar saúde, ao menos num primeiro olhar, não-científico, do tipo opinativo. Uma consulta ao dicionário, pensamos, tira qualquer dúvida e nos ajuda no exercício. Mas no dicionário, visualizamos que saúde, cuja origem vem do latim *salute*, significa “salvação”, “conservação da vida” (NOVO DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO, 2004), cujos exemplos remetem a uma perspectiva estritamente biológica e, no máximo, mental como, por exemplo, “estado do indivíduo cujas funções orgânicas, físicas e mentais se acham

---

<sup>2</sup> Rubim (2003, p.8), ao considerar o papel da mídia na contemporaneidade, denomina nosso atual processo de comunicação de *Idade mídia na contemporaneidade*, por considerar que nosso tempo presente se configura “[...] como uma sociedade estruturada e ambientada pela comunicação, como uma verdadeira ‘Idade Mídia’, em suas profundas ressonâncias sobre a sociabilidade contemporânea em seus diversos campos.”

<sup>3</sup> Palma (2015, p.206) apresenta um panorama do quadro dos estudos socioculturais que tematizam a saúde no campo brasileiro, identificando “[...] dificuldades, possibilidades e desafios de se investigar a saúde sob o olhar dos estudos socioculturais”.

em situação normal; estado do que é sadio ou são”; “força, robustez, vigor”; “disposição do organismo”; “disposição moral ou mental”. Entretanto, saúde apresenta-se como algo bastante complexo em relação às tentativas de conceituação, sendo, certamente, pelo olhar sociocultural<sup>4</sup>, muito mais que as tentativas apresentadas pelo dicionário.

Podemos dizer, em síntese, neste nosso exercício, que há três principais conceitos de saúde. O primeiro deles, bastante restrito, porém muito presente no imaginário das pessoas e dos profissionais, é aquele que entende a saúde em oposição à doença, ou seja, a saúde é a ausência de doenças. O segundo deles é aquele criado pela Organização Mundial de Saúde, que se refere à saúde em seu sentido, digamos, utópico, tratando-a como um completo estado de bem-estar físico, mental e social. Por fim, o terceiro deles, tido como o conceito amplo e social de saúde, interligado a um conceito de Saúde Coletiva que, dentre tantas outras características, considera que o indivíduo, para além de seus aspectos biológicos, comportamentais e mentais, deve ser considerado quanto aos determinantes sociais da saúde, e aí envolveria a compreensão de um contexto mais amplo, como algo resultante das condições de alimentação, de habitação, renda, trabalho, meio ambiente, lazer, liberdade etc. (PALMA, 2001; ZIONI & WESTPHAL, 2007).

O conceito de estética (em seu caráter restrito, superficial) é utilizado juntamente com o conceito de saúde (também numa compreensão reducionista, a nosso ver) pela área da Educação Física para subsidiar as discussões sobre o corpo perfeito. Segundo o Dicionário de Estética de Nicola Abbagnano (2007), inicialmente o conceito remonta à Antiguidade Clássica, mais especificamente às obras de Platão, em particular seus diálogos. Com esse termo designa-se a ciência (filosófica) da arte e do belo. Engloba tanto o estudo dos objetos artísticos quanto os efeitos que estes provocam no observador, abrangendo os valores artísticos e a questão do gosto. Entretanto, o conceito vem sendo aplicado de maneira geral para designar as preocupações contemporâneas com a aparência corporal. Tudo que se relaciona com a produção de corpos belos e que devem ser exibidos têm sido designado como “cuidados estéticos”. Trata-se, portanto, neste texto, de uma concepção mais reduzida do termo, restrita, como veremos, aos aspectos de uma “beleza física”, “corporal”, bastante limitada a um modo hegemônico e homogêneo de configurar e definir um “corpo” como tal: “belo”, “sarado”, “saudável”, “útil” etc.

Já o termo mídia tornou-se, nos nossos dias, um lugar comum. A toda hora falamos da mídia, falamos usando as mídias, conversamos ou usamos nossas ideias a partir daquilo que é produzido e veiculado pelas mídias. Mas, o que vem a ser esse termo tão presente e usual em nosso cotidiano? Quando vamos consultar um dicionário, aprendemos que o termo é oriundo do inglês mass media, ou “meios de comunicação de massa”, que é originado do latim medium, traduzido por “meio” ou “aquilo que está no meio”, ou, em síntese, “o conjunto dos meios de comunicação, e que inclui, indistintamente, diferentes veículos, recursos e técnicas, como, p. ex., jornal, rádio, cinema, outdoor, página impressa, propaganda, mala-direta, balão inflável, anúncio em site de Internet, etc.”. (NOVO DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO, 2004)

Conforme Betti e Pires (2005, p. 282-88), o referido termo pode ser assim compreendido:

A palavra mídia origina-se do latim media, plural de medium, que significa meio. Inevitavelmente encontra-se associada à comunicação – a mídia refere-se aos meios de comunicação, no sentido de comunicação humana mediada por algum aparato. [...] A mídia é também uma indústria – a indústria midiática –, aqui entendida como produtora e veiculadora de símbolos e significados socialmente compartilhados na cultura contemporânea, além de ser a principal operadora da Indústria Cultural, conceito cunhado por Adorno e Horkheimer (1985).

Outra autora, Setton (2010, p. 7), assim conceitua as mídias, como sendo:

---

<sup>4</sup> Para saber mais a respeito, sugerimos a leitura do verbete *Saúde*, escrito por Aguinaldo Gonçalves, presente no Dicionário Crítico de Educação Física (2005).

[...] todo aparato simbólico e material relativo à produção de mercadorias de caráter cultural. Como aparato simbólico, considero o universo das mensagens que são difundidas com a ajuda de um suporte material como livros, CDs etc., a totalidade de conteúdos expressos nas revistas em quadrinhos, nas novelas, nos filmes ou na publicidade; ou seja, todo um campo da produção de cultura que chega até nós pela mediação de tecnologias, sejam elas as emissoras de TV, rádio ou internet. Uma produção de cultura realizada de maneira industrial – sistematicamente veiculada pelas instituições dos campos editorial, fonográfico, televisivo, radiofônico, cinematográfico e publicitário, possibilita a maior circulação de referências de estilos de vida, ideias e referências de comportamento.

A partir dessas duas conceituações, poderíamos dizer que há uma cultura midiática em nosso tempo presente, compreensão essa que permitirá, na sequência do texto, apresentarmos e discutirmos exemplos de como essa cultura midiática elege seus objetos, produz seus discursos e produtos e participa de uma produção de subjetividades que afeta, direta e indiretamente, as pessoas, seus corpos, seus modos de consumo e estilos de vida.

Segundo Setton (2010, p.26), a cultura das mídias é a denominação ao conjunto de ferramentas, discursos e linguagens que compõem uma determinada matriz cultural, em específica àquela voltada à linguagem midiática – as mídias – que produzem e veiculam seus bens simbólicos. Para a referida autora, não podemos perder de vista que a cultura midiática “[...] é uma realização da sociedade capitalista. Sua emergência e seu desenvolvimento estão profundamente ligados a uma nova ordem política e econômica específica da modernidade.” (p.32). Corroborando essa mesma opinião, Orofino (2005, p. 46) acrescenta que “As novas tecnologias de base microeletrônica ajudaram a consolidar o processo para que o capitalismo se tornasse global.” Ainda sobre esse quadro atual, Orofino (2005, p. 48-49) afirma que:

Estamos todos, de alguma forma ou de outra, via rádio, telefone, TV ou internet, “plugados no mundo”, e também as crianças e adolescentes o estão. É certo que há regiões inteiras do globo que não compartilham desta materialidade tecnológica e do acesso a estes meios. Mas o fato é que esta é a cultura dominante dos nossos tempos. Uma cultura em que as mídias desempenham um papel-chave na estruturação de uma nova forma de mundialização.

Ao abordarmos sobre mídias, tecnologias, contemporaneidade, cultura e mundialização, se torna necessário tratar do conceito de indústria cultural, conceito crítico e ao mesmo tempo irônico, formulado pelos autores da escola de Frankfurt, Theodor W. Adorno e Marx Horkheimer (1985), mas desenvolvido principalmente pelo primeiro e posteriormente por uma intensa tradição que vem se inspirando pelo mesmo. O conceito se apresenta dentro da mesma perspectiva frankfurtiana de crítica à razão instrumental. Tal conceito nos permite pensar como os tempos contemporâneos são permeados pela produção e reprodução da cultura sob os auspícios da mercadoria e como essas produções têm conformado nossas subjetividades.

[...] As particularidades do eu são mercadorias monopolizadas e socialmente condicionadas, que se fazem passar por algo de natural. Elas se reduzem ao bigode, ao sotaque francês, à voz grave da mulher de vida livre Lubitsch touch: são como impressões digitais em células de identidade que, não fosse por elas, seriam rigorosamente iguais e nas quais a vida e a fisionomia dos indivíduos – da estrela do cinema ao encarcerado – se transformam em face do poderio do universal. [...] é só porque os indivíduos não são mais indivíduos, mas sim meras encruzilhadas das tendências do universal, que é possível reintegrá-los totalmente na universalidade (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 145).

Desse modo podemos afirmar que sob o véu da indústria cultural da mesma forma que uma infinidade de produtos, o corpo tem sido objeto de produção e reprodução de desejos de consumo. Para além de produtos vendidos para embelezá-lo, cultuá-lo, demonstrá-lo, o próprio corpo é também

explorado, cultuado e vendido como numa imensa loja de departamentos que pode oferecer o corpo que se deseja possuir. A cada semana oferece-se uma nova dieta, um novo exercício, uma nova promessa que nunca será cumprida, pois o que se apresenta não é o corpo belo e perfeito, mas sim por meio das reportagens que circulam nos mais diversos veículos, cotidianamente, a prova visível de que ele é “cientificamente” possível. Como afirmam os frankfurtianos:

Para todos algo está previsto; para que nada escape, as distinções são acentuadas e difundidas. [...] Reduzidos a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa [...] O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 116).

Certamente, diante deste cenário apresentado pela indústria cultural, poderíamos pensar outras instituições que realizam suas formas específicas e particulares de mediação, no sentido de tematizar esses conhecimentos oriundos dos meios. Para além da família, da própria mídia em geral, há outras como a escola, os sindicatos, as igrejas, os clubes, os grupos de amigos, enfim, uma série de outras instituições que podem colocar algumas “certezas” num campo de questionamentos. É nesta possibilidade que pensamos a Educação Física, como elemento curricular da escola, que também realiza suas mediações (culturais, pedagógicas, técnicas etc.), seja afirmando e reproduzindo conceitos, formas e elementos da indústria cultural (no que se refere ao esporte, ao corpo, à saúde, ao lazer, à estética etc.), seja também, oportunizando seus sujeitos (professores e alunos) a uma dimensão crítica desse traço da modernidade, refletindo e questionando tais padrões, produtos e consumo pensados de maneira meramente passiva. E é assim, por fim, que chegamos à nossa última conceituação aqui, sobre a Educação Física!

A Educação Física pode ser entendida como um “campo”, um espaço em que agentes produzem seus saberes a partir das mais variadas matrizes científicas e epistemológicas, socializam, compactuam e exercitam práticas as quais são identificadas como pertencentes a este campo. No interior deste campo de saberes e fazeres há, atualmente, grosso modo, uma formação voltada àqueles que se dedicarão ao âmbito escolar e pedagógico, que são os cursos de licenciatura; e há aqueles que terão sua formação voltada a aspectos como o mercado de trabalho de personal trainer, de técnicos esportivos e preparação física, nos cursos de bacharelado.

Aqui, neste ensaio, estaremos considerando a Educação Física enquanto componente curricular no interior de uma cultura escolar própria, ou seja, a Educação Física enquanto disciplina pertencente aos quadros escolares, por considerá-la um espaço e tempo bastante propício tanto no que se refere a aspectos teórico-práticos visualizados numa formação crítica a partir de suas especificidades, neste caso, aquelas relacionadas à cultura corporal (SOARES et al, 1992), ou cultura corporal de movimento (BRACHT, 1999; BETTI, 1996) ou mesmo à cultura de movimento (KUNZ, 1994; 2000) – sabemos que são objetos “diferentes” de acordo com determinada matriz epistemológica, entretanto, consideramos que as três denominações, respectivamente, inserem-se no bojo de uma Educação Física cuja centralidade ampara-se nas questões socioculturais, portanto, bastante pertinentes e adequadas ao contexto escolar.

Não é interesse neste texto uma contextualização histórica, mas abordar esta temática requer que, sucintamente, ao menos, consideremos o ocorrido com a Educação Física brasileira principalmente nos últimos anos do Século XX. Inserida no contexto escolar e tendo sua ação limitada como mera “atividade”, ou seja, as “práticas” de ginástica, de esportes e de atividades físicas em geral no ambiente escolar com fins diversos, a Educação Física, ao menos no plano normativo, com a Lei 9394/96 – a Lei de Diretrizes e Bases da Educação passou a considerar esta disciplina como um “componente curricular”, elevando-a para algo mais que algo de “caráter prático” para ser tratado, enfim, como “conhecimento”.

Passar a compreender e visualizar a Educação Física como componente curricular gerou transformações e demandas próprias a esse campo do saber na escola. Conforme Melo (2006, p. 188):

A LDB de 1996 coloca a Educação Física como componente curricular, fato que exigiu um novo pensar e um novo agir dos seus professores. O novo pensar é caracterizado pela necessidade de se conceber a Educação Física na escola nas



mesmas condições dos demais componentes curriculares, nos quais a organização dos seus aspectos didáticos os consolidam na educação escolarizada. Exige-se, também, uma participação mais efetiva dos professores de Educação Física na concepção do projeto pedagógico, pois, ao considerá-la como componente curricular, as suas práticas deverão ser orientadas pelas diretrizes do projeto pedagógico da escola. Então, se os professores ficarem ausentes dos momentos de planejamento escolar, será difícil imaginar ações pedagógicas coerentes e pautadas nos eixos pedagógicos que organizam o trabalho escolar nos diferentes componentes.

Em síntese, a Educação Física enquanto componente curricular refere-se a uma intervenção pedagógica no interior da escola, a qual requer que seus conteúdos sejam tratados para além de sua dimensão meramente prática, requer que tais conteúdos tenham, em sua essência, a dimensão do conhecimento cujo objeto é a cultura corporal de movimento. Conforme Betti (2005, p. 148):

Por cultura corporal de movimento entende-se aquela parcela da cultura geral que abrange as formas culturais que se vêm historicamente construindo, nos planos material e simbólico, mediante o exercício da motricidade humana. A motricidade humana é entendida como capacidade de movimento do ser humano para a transcendência e como agente e criadora de cultura [...] Na escola, a Educação Física “recorta” a cultura corporal de movimento, tendo em vista a intenção de propiciar aos alunos a apropriação crítica da cultura corporal de movimento, associando organicamente o “saber movimentar-se” ao “saber sobre” esse movimentar-se [...] O papel da Educação Física (e não só na escola) é fazer a mediação simbólica desse saber orgânico para a consciência, levando o sujeito à autonomia crítica no âmbito da cultura corporal de movimento.

Assim, temos aqui expostos nossos principais termos e conceitos que a partir de agora começam a se “mesclar” nas análises que faremos, no tópico seguinte, ao trazermos exemplos diversos e aleatórios, extraídos de alguns portais da internet, na tentativa que temos de expor “modelos” de um discurso que é produzido e veiculado sobre saúde e estética na mídia.

## **APRESENTANDO E DISCUTINDO ALGUNS EXEMPLOS DO QUE A MÍDIA PRODUZ E FAZ CIRCULAR**

No contemporâneo temos sido bombardeados por indicações que pretendem por um lado incentivar a busca por uma saúde adequada, mas por outro, acabam por indicar como e de que maneira devemos nos portar, e que aparência nosso corpo deve ter. Em um primeiro momento essa vigilância atingiu o corpo das mulheres, sempre as primeiras a terem sua aparência perscrutada. Hoje os homens também têm seu visual discutido, no caso deles, por fazerem parte de uma sociedade ainda muito machista, a preocupação também aparece disfarçada como se fosse uma preocupação com sua saúde. O que acontece agora com o corpo masculino, assim como no caso das mulheres, é uma tutela de suas vidas, afirmando como estas devem ser vividas. Assim como o conceito de indústria cultural, de Adorno e Horkheimer (1985), o conceito de biopolítica de Michel Foucault (1979; 1985) nos ajuda a pensar esses modelos de subjetivação que são resultado da influência da economia sobre a vida das pessoas e que parecem gerar processos de subjetivação. A própria vida se torna um capital e enquanto tal deve ser valorizado.

Como forma de exemplificar algumas questões, na sequência, apresentamos algumas reportagens coletadas em três portais digitais de informação (ClicRBS, UOL e Minha Vida). A escolha desses

portais ocorreu de forma aleatória, devido ao próprio acesso cotidiano dos autores a tais portais. São apresentadas 6 (seis) reportagens, sendo 5 (cinco) delas produzidas e veiculadas no ano de 2011 e 01 (uma) delas no ano de 2016. O material foi recolhido em arquivos digitais, a partir do seu conteúdo e também do seu link de acesso, sendo posteriormente utilizado para a discussão que segue.

Na reportagem5 abaixo (Figuras 01 e 02) é possível verificar como a sexualidade masculina, como já afirmava Foucault (2015), torna-se um âmbito privilegiado do controle sobre a vida. A publicação, ao afirmar que quanto mais gordo um homem se torna mais “pobre” será seu esperma, evidencia um processo que pretende a implicação do sujeito pela sua vida e pela sua saúde. Aqueles que não têm esse cuidado não poderão no futuro gerar filhos saudáveis, o que negaria o fazer viver da biopolítica, de forma que o mesmo adquira uma responsabilização com sua existência.



Figura 01: Chamada endereçada ao público masculino

### Quanto mais gordo for o homem, mais pobre é seu esperma

04 de julho de 2011

O esperma dos homens obesos é mais pobre em espermatozoides, o que pode ter impacto direto sobre sua fertilidade, segundo um estudo francês apresentado nesta segunda-feira em Estocolmo no congresso da Sociedade Europeia de Reprodução Humana (ESHRE).

Segundo a agência AFP, o estudo foi realizado no final de 2010 com 1940 pessoas por uma equipe liderada pelo dr. Paul Cohen-Bacrie, diretor científico do Laboratório de Biologia Médica de Eylau-Unitatis, em Paris. Foi "o maior estudo já realizado" sobre o tema, segundo a Unitatis, uma associação de laboratórios de 12 países europeus, fundada na Suíça.

"O sobrepeso causa uma modificação dos parâmetros do esperma, devido provavelmente a desordens hormonais, com déficits em número, em mobilidade e em vitalidade, o que causa perdas de possibilidade de concepção", explicou à AFP o dr Cohen-Bacrie.

Os pesquisadores analisaram o volume de esperma, seu pH, a concentração de espermatozoides por ml de esperma, seu número total, sua mobilidade, sua vitalidade, a taxa de formatos atípicos, etc. Os coeficientes de correlação foram estabelecidos entre esses parâmetros e o índice de massa corporal.

Com um IMC (peso dividido pelo dobro da altura) inferior a 18, a pessoa pode ser considerada magra; entre 18 e 25, o peso é normal; entre 25,1 e 30, há sobrepeso; e o indivíduo é obeso quando o resultado supera 30.

O estudo mostra que quanto maior o sobrepeso, mais a qualidade do esperma diminui, particularmente no que concerne à concentração e ao número total de espermatozoides.

Além da concentração de espermatozoides ser 10% menor para os pacientes com sobrepeso em relação àqueles com peso normal e chegar a 20% para os obesos, a mobilidade dos espermatozoides destes cai 10%.

A contagem total de espermatozoides, de 184 a 194 milhões de ml entre as pessoas com peso normal, cai para 164/186 entre as pessoas com sobrepeso, e para 135/157 entre os obesos. O número de pessoas que sofrem de uma ausência total de espermatozoides (azoospermia) passa de 1%, quando o peso é normal, para 3,8% entre os obesos.

Quando a idade aumenta, o efeito do IMC na concentração e na quantidade permanece o mesmo, mas a mobilidade dos espermatozoides entre os obesos diminui significativamente.

Já se sabe que a mulher obesa ou muito magra pode ter problemas de ovulação. Mas "quando um casal quer ter filhos, é preciso também tomar cuidado com o peso do homem, um dado importante", ressalta o dr Cohen-Bacrie.

Mas há um elemento reconfortante: ele constatou em 300 pacientes que o problema é reversível, e que ao emagrecer os parâmetros perdidos são recuperados.

Com relação ao peso e a outros dados, como o hábito de fumar, pode-se "com atitudes simples, ter concepções naturais e evitar a procriação assistida por médicos", indica esse especialista da PMA. "Se pudermos evitar o recurso à Clínica Médica da procriação fazendo um regime, é melhor", disse.

Postado por Cláudia S. Roschke, às 13:30

INÍCIO

Figura 02: Reportagem sobre esperma e gordura do homem

1

BUSCAR

By n9ve

Olhar abarrotado de mundo, recorre numeroso do silêncio, agradáveis acasos cotidianos, ares arejados pelo By n9ve...

Só mais um pleonismo: Rola a barra aí, o marmoso acaba de acabar!!!!

Claudia S. Roschke

Hot News? Cadastre seu e-mail:

ASSINE

-> SERVIÇO DE UTILIDADE PÚBLICA MASCULINA

9999 Aprenda a fazer os 11 nci de gravata de Emenegildo Zegna

-> INVESTINDO NA BOLSA

Confira as bolsas mais desejadas do mundo

-> SOLO PARA MIRAR

Com sol, ou sem sol, aposte em charmosos óculos

BOAS NOVAS

Jóias comemorativas para Rio+20

Bronzeamento em spray pode causar câncer

Veja mais fotos do casamento de Matthew McConaughey e Camila Alves

Look do dia: Eva Longoria brilha em festival

Filhas de Demi Moore temem que a mãe volte a usar drogas

Isabel Fontana estreia como estilista internacional

Confira fotos de Jennifer Aniston na adolescência

Enamorados: Casais brindam o Dia dos Namorados

5 Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/n9ve/2011/07/04/quanto-mais-gordo-for-o-homem-mais-pobre-e-seu-esperma/?topo=52,2,18,,170,77>> . Acesso: 04 julho 2011.



objeto que se pode manipular para atingir o que se deseja. Os teóricos da chamada Escola de Frankfurt esboçaram uma grande preocupação com a razão instrumental e sua vinculação com a existência humana danificada via corpo. No texto *Indústria Cultural*, Horkheimer e Adorno (1985), apontam como a sociedade aprendeu a “produzir” seus anseios e transformar todas as suas aspirações políticas e artísticas em desejo de consumo, sendo que alguns deles muitas vezes se refletem no corpo.

É só a cultura que conhece o corpo como coisa que se pode possuir; foi só nela que ele se distinguiu do espírito, quintessência do poder e do comando, como objeto, coisa morta, “corpus”. Com o auto-rebaixamento do homem a corpus, a natureza se vinga do fato que o homem a rebaixou a um objeto de dominação, de matéria bruta. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 217).

Esta denúncia aparece na *Dialética do Esclarecimento* ao afirmar que a liberdade de escolha é fornecida no contexto da indústria cultural. Você pode moldar seu corpo da forma que desejar. Cabelo liso, ondulado, crespo, ruivo, loiro, preto, castanho, curto, médio, longo – das cores que as tintas disponíveis nos mercados e drogarias permitirem colorir! Aparentemente a escolha é sua, mas os ditames volúveis da indústria do entretenimento e, por que não dizer da beleza, mudam de forma que quase nunca você consiga se adequar ao que se espera no momento. Da mesma forma, todos os “setores” corporais são esquadrihados para que sigam padrões indicados. Toda essa indicação provém principalmente das revistas ilustradas (ALBINO; VAZ, 2008) impressas ou não, e também das recentes ferramentas proporcionadas pela internet, os blogs de moda/saúde/beleza. Nesses veículos tudo é oferecido aos indivíduos, como numa imensa loja de departamentos tão expressivas de nossos Tempos Modernos – onde se encontra de tudo, com rapidez, basta ter o dinheiro para se pagar! Um sem-número de opções adequadas ao estilo que se quer vender (ou ao qual o indivíduo e seu corpo devem pertencer) é proporcionado. Os estilos, embora pareçam diferentes, são na verdade um só, sempre o mesmo, o da não liberdade vestida nas cores da diversidade de escolhas:

A diferença entre a série Chrysler e a série General Motors é no fundo uma distinção ilusória, como já sabe toda criança interessada em modelos de automóveis. As vantagens e desvantagens que os conhecedores discutem servem apenas para perpetuar a ilusão da concorrência e da possibilidade de escolha. O mesmo se passa com as produções da Warner Brothers e da Metro Goldwyn Mayer. Até mesmo as diferenças entre os modelos mais caros e mais baratos da mesma firma se reduzem cada vez mais: nos automóveis, elas se reduzem ao número de cilindros, capacidade, novidades do gadget, nos filmes aos números de estrelas, à exuberância da técnica, do trabalho e do equipamento, e ao emprego de fórmulas mais recentes. O critério unitário de valor consiste na dosagem da *conspicuous production*, do investimento ostensivo (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 116).

Se a indústria cultural dita como esse corpo deve parecer, deve o seu “dono” – já que o corpo nada mais que é objeto –, tomar todas as medidas para que ele se adeque àquilo que é esperado, demonstrando que este precisa ser adestrado até que vicie em ser saudável, em estar treinado, pois como afirma Greiner (2002, p. 12), citado por Albino e Vaz (2008, p. 13):

Tais medidas são necessárias porque o corpo é tomado como algo que “se rebela” e que precisa ser contido, como reza uma tradição ocidental de considerar a natureza como ameaçadora, o corpo e suas pulsões como instâncias que precisam ser dominadas, solapadas. Alcançar as formas almejadas só é possível se a mulher aprender “a manter o seu corpo sob controle [pois] ele tem que saber que quem manda é você e que não pode engordar e emagrecer a seu bel-prazer!”.

Tais reportagens sempre precisam afirmar o poderio que o sujeito deve ter sobre o seu corpo, participando de verdadeiras manobras de guerra, onde o corpo e seu descontrole é que precisa ser vencido. Reportagens como as abaixo apresentadas (Figuras 03 e 04, sobre a longevidade “conquistada” com o exercício físico; Figura 05 – sobre o exercício como algo que deve se tornar

vício) além de exigirem que viciem seu corpo nas atividades, para que ele não possa mais descontrolar-se, ainda afirmam: Quer chegar aos 100 anos? Exercite-se. Caso contrário, envelhecerá mais, fazê-lo com saúde, será impossível.



Figura 03: Chamada no site para a reportagem<sup>6</sup>

O homem sempre sonhou com a vida eterna. Desde as civilizações antigas se tem notícias de rituais para a imortalidade. Se ainda não se descobriu a fórmula da eternidade, pelo menos o caminho para a longevidade pode ser traçado. De acordo com a geriatra Janise Lana Leite, especialista em fisiologia do exercício, é possível chegar aos 100 anos — com qualidade de vida — por meio da prática de exercícios físicos.

Segundo a médica, o estilo de vida responde por 80% do processo de envelhecimento. Por isso, adotar hábitos saudáveis e praticar atividade física é a grande receita para se chegar aos 100 anos de idade.

— Sabemos que a vida sedentária contribui para reduzir a imunidade e o metabolismo, a capacidade pulmonar e cardiovascular, a força física, e ainda aumenta o risco de quedas, entre outros problemas enfrentados pela população da terceira idade sedentária — diz a geriatra.

A partir dos 80 anos, torna-se um verdadeiro desafio subir alguns degraus sozinho, vestir-se, amarrar os sapatos, tomar banho, caminhar e usar transporte coletivo. Para Janise, se o indivíduo praticar exercícios, ele pode chegar à idade avançada com independência funcional garantida e ter melhor qualidade de vida. Independência funcional é a capacidade de realizar tarefas diárias sem depender da ajuda de outros, conforme explica a médica.

— A atividade física retarda o envelhecimento e previne ou melhora o controle de uma série de doenças crônicas, incluindo diabetes, hipertensão e colesterol elevado — destaca.

Por outro lado, o idoso que realiza exercícios físicos readquire a independência de movimentos, amplia sua disposição para atividades sociais, melhora seu estado emocional e volta a sentir-se útil. Exercícios aeróbicos como caminhadas, natação ou bicicleta são apropriados. Exercícios de força como a musculação também são indicados, desde que realizados com acompanhamento de profissionais especializados. Da mesma forma, uma série bem preparada para idosos deve contemplar também atividades de flexibilidade. Os exercícios são orientados de acordo com a capacidade física e funcional de cada um. Mas a especialista alerta:

— Se quer mesmo trilhar o caminho dos 100 anos, o melhor dia para começar é hoje!

Figura 04: O texto da reportagem



Figura 05: Parte da reportagem<sup>7</sup> que sugere treinar o corpo para viciá-lo

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/bem-estar/19,0,3571483,Quer-chegar-aos-100-anos-Pratique-exercicios-fisicos.html>>. Acesso em: 23 novembro 2011.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.minhaveria.com.br/fitness/galerias/15571-oito-dicas-para-insistir-no-treino-ate-seu-corpo-viciar>>. Acesso em: 05 abril 2016.

Dessa forma é preciso lançar mão de toda série de artifícios que ajudem o corpo a tomar o rumo certo em direção à saúde, mas também à beleza. Os blogs e as revistas ilustradas fazem com maestria esse papel sempre indicando o mais adequado para cada estrato da sociedade, ou ainda para cada estilo de sujeito, como se pode ver nas reportagens abaixo (Figuras 06 e 07 – Sobre a sugestão do chá; Figuras 08 e 09 – Sobre a sugestão do vinho tinto para reduzir os efeitos nocivos do sedentarismo; Figura 10 – Sobre a “dieta liberal” para o emagrecimento). Há sempre uma opção para cada possibilidade: uma dieta mais liberal para quem tem problemas com a rigidez das determinações, ou uma dieta duríssima para “secar de vez” a barriga. Há dietas para aqueles que não dispensam o prazer da taça de vinho e para aqueles que, mais saudáveis, preferem o chá. O importante é encontrar o “estilo” a ser seguido sempre na busca do corpo perfeito, quiçá saudável. O que nos permite afirmar que a indústria cultural é democrática: para cada “estilo de vida”, há um produto pensado e é claro à ser vendido.

A unidade sem preconceitos da indústria cultural atesta a unidade em formação da política. Distinções enfáticas, como entre filmes de classe A e B, ou entre histórias em revistas de diferentes preços, não são tão fundadas na realidade, quanto, antes, servem para classificar e organizar os consumidores a fim de padronizá-los. Para todos alguma coisa é prevista, a fim de que nenhum possa escapar; as diferenças vêm cunhadas e difundidas artificialmente. O fato de oferecer ao público uma hierarquia de qualidades em série serve somente à quantificação mais completa, cada um deve se comportar, por assim dizer, espontaneamente, segundo o seu nível, determinado a priori por índices estatísticos, e dirigir-se à categoria de produtos de massa que foi preparada para o seu tipo (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 115)

Vejam os exemplos abaixo:



Figura 06: O exemplo do chá verde<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/bem-estar/19,0,3578675,Cha-verde-ajuda-a-reduzir-medidas-na-cintura-diz-estudo.html>>. Acesso: 29 de novembro 2011.

Preparado a partir das folhas frescas da planta *Camellia sinensis* e rico em catequinas, o chá verde integra o grupo de bebidas funcionais, com substâncias que atuam na redução de riscos de doenças crônicas. Em uma pesquisa de mestrado realizada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o chá verde apresentou resultados positivos na redução de peso e de circunferência abdominal em idosos, mesmo sem exercícios físicos.

A nutricionista Ana Elisa Senger, autora da pesquisa, inseriu o chá verde na dieta de 45 pacientes do ambulatório do Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUCRS, no Hospital São Lucas. A intenção da pesquisadora era investigar a eficácia da bebida em fatores de risco da Síndrome Metabólica, como obesidade abdominal, hipertensão arterial sistêmica, diabetes tipo 2, triglicédeos aumentados e colesterol bom (HDL) reduzido.

Os participantes, com média de 72 anos, foram divididos em dois grupos: um consumiu três xícaras de chá verde de 200 ml diariamente durante dois meses, enquanto o grupo de controle não ingeriu a bebida no período.

Por meio de pesagem, medição da pressão arterial e da circunferência abdominal a cada 30 dias, e coleta de sangue no início e no fim do estudo, os resultados mostraram que o grupo que incluiu o chá verde na alimentação, mesmo sem atividades físicas e dieta equilibrada, teve uma redução de cerca de 1,2 kg no peso total e de 2,7 cm da circunferência da cintura, associada à taxa de mortalidade e de doenças cardiovasculares. No grupo de controle, os números foram quase insignificantes, com perda de apenas 0,3cm e 500g. Apesar de o chá verde conter cafeína, não houve alteração na pressão arterial dos pacientes.

O questionário de frequência alimentar realizado no início do estudo mostrou ainda que grande parte dos participantes tem inadequação alimentar, com poucas fibras, micronutrientes e minerais.

— Com uma dieta adequada, combinada ao chá verde, os resultados poderiam ser melhores e talvez muitos medicamentos pudessem ser dispensados, pois, à medida que a gordura diminui a longo prazo, glicose e lipídios talvez voltassem aos níveis normais — sugere Ana Elisa.

A orientação de preparo da bebida para a pesquisa foi de infusão de cinco minutos e o consumo teve distância de cerca de uma hora das refeições e dos medicamentos.

#### Sobre o chá

O chá verde é antioxidante, anti-inflamatório, tem efeito protetor no risco de doenças cardiovasculares, promove perda de peso e maior gasto calórico. Mesmo com tantos benefícios, dados da literatura médica mostram que o uso crônico e exagerado da bebida ou de cápsulas com extrato da planta, como 10 xícaras ao dia por cinco anos, pode causar dano hepático.

#### O que é Síndrome Metabólica

A associação de diversos problemas que podem levar a doenças cardíacas, AVC e diabetes é chamada de Síndrome Metabólica. O diagnóstico é feito quando o paciente apresenta três ou mais desses fatores de risco: gordura abdominal aumentada, baixo colesterol HDL, triglicédeos aumentados, hipertensão e aumento da glicemia.

#### A pesquisa

O trabalho multidisciplinar teve orientação das professoras Maria Gabriela Gottlieb (bióloga), coordenação de Carla Schwanke (geriatra) e apoio da empresa de Taquara, Amor à Vida Produtos Naturais, que forneceu os sachês de chá verde. Os resultados foram divulgados na revista *PUCRS Informação*.

Figura 07: A reportagem sobre os benefícios do chá verde para o emagrecimento



Figura 08: Chamada no site para a reportagem sobre o vinho tinto contra o sedentarismo<sup>9</sup>

## Vinho tinto reduz efeitos nocivos do sedentarismo

Resveratrol não substitui atividade física, mas pode retardar a deterioração óssea e muscular temporariamente

05/07/2011 - 14h07min

Compartilhar

Muitas pesquisas médicas abordam o efeito do resveratrol, uma substância saudável presente no vinho tinto. O resveratrol é uma substância saudável presente no vinho tinto. Foto: Ricardo Vollbrecht/Agência RBS

Os efeitos do vinho e alguns especialistas até recomendam a ingestão diária de um cálice da bebida para proteger o coração. Um novo estudo publicado no *FASEB Journal* revela que o vinho tinto pode reduzir temporariamente os efeitos negativos do sedentarismo no organismo.

Os estudiosos analisaram a reação do resveratrol — o ingrediente saudável do vinho tinto — no organismo de ratos mantidos em um ambiente que simula a ausência de gravidade dos voos espaciais.

O grupo de animais que ingeriu resveratrol não teve problemas de perda óssea e muscular, como aconteceu com os que não receberam a substância. Os pesquisadores acreditam que os resultados sugerem que os efeitos seriam similares em humanos em condições ambientais normais.

Segundo Gerald Weisemann, o editor da revista científica na qual a pesquisa foi publicada, o resultado é muito importante para os astronautas, pois no espaço é quase impossível fazer exercícios.

— O resveratrol pode não pode ser um substituto da atividade física, mas pode retardar a deterioração até que a pessoa possa começar a se mover novamente — alerta.

Figura 09: A reportagem sobre o vinho tinto na redução dos efeitos nocivos do sedentarismo

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/bem-estar/19,0,3377011,Vinho-tinto-reduz-efeitos-nocivos-do-sedentarismo.html>>. Acesso: 06 julho 2011.

## Boa Forma

DANIELA JOBST | SUA DIETA | COMER SEM CULPA



**Cardápio**  
**Dieta "liberal"**  
**promete eliminar até**  
**10 quilos em um mês**

► Você sabe matar a fome sem estragar a dieta?



**Benefícios**

**Alongamento afina a silhueta**  
**e alivia as dores musculares**

Figura 10: A chamada no site para a “dieta liberal”<sup>10</sup>

Poderíamos listar uma infinidade de outras matérias que corroborariam nossa tentativa de demonstrar a incrível indústria destinada a fazer-nos perceber como é importante exercitarmos-nos, comermos bem, dormirmos 8 horas (no mínimo, por dia), diminuirmos o stress e ainda, sermos felizes conquistando um novo corpo. Toda essa produção parece indicar que se ainda não alcançamos esse objetivo é porque somos preguiçosos e desorganizados, já que todas as ferramentas para tal empreitada estão a nossa disposição. Se não o fazemos, a culpa é toda nossa!

### **E À EDUCAÇÃO FÍSICA E SEUS/SUAS PROFESSORES/AS, O QUE CABERIA FAZER?**

Podemos dizer que influenciado pela mídia a Educação Física também faz parte dessa espécie de pedagogia corporal (VAZ, 2002) que juntamente com outros discursos, confirma um papel positivo e inquestionável atribuído às práticas corporais sempre em direção da busca pelo corpo perfeito, mas talvez adequadamente travestido de busca pela saúde. O próprio Conselho Profissional da área (CONFEF – Conselho Federal de Educação Física) atua fortemente alicerçando o discurso na busca pela vida ativa e pela saúde sendo o esporte, mas não apenas ele, o principal vetor nesse processo. A Educação Física, principalmente aquela ensinada nos cursos de bacharelado, mas também a Educação Física escolar torna-se cura para vícios, para a obesidade, para a má qualidade de vida, para o tabagismo, para o sedentarismo e também para a preguiça. Sendo assim, os professores são responsabilizados pela formação de hábitos saudáveis nas academias e talvez nas escolas, que deve arregimentar todos contra o sedentarismo, a obesidade, e talvez contra seu próprio corpo. (TORRI, 2008)

Os professores de Educação Física, entretanto, por vezes sentem-se perdidos diante de tantos e rápidos discursos produzidos para e sobre o corpo. Há sempre uma dieta nova, um exercício modificado, um blogueiro fitness da moda, um programa televisivo que mostra o “milagre” da transformação corporal aos nossos olhos (poderíamos citar como exemplo o quadro “Medida Certa<sup>11,12</sup>”, do Fantástico, exibido na Rede Globo, e toda repercussão que teve), que parece fazer

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.uol.com.br/>>. Acesso em: 04 abril 2011.

<sup>11</sup> Bortolazzo e Machado (2014) analisaram algumas práticas dos aparatos midiáticos na produção de saberes a respeito da relação corpo e saúde, tendo no quadro “Medida Certa” do Programa Fantástico, da Rede Globo, seu objeto empírico. Identificaram, entre outros achados, o estímulo aos sujeitos a se tornarem ativos e saudáveis, bem como a responsabilização



prescindir a presença ou a orientação de um professor para que atividades físicas sejam prescritas e realizadas com cuidado e segurança. Muitas vezes os cursos de licenciatura por deixarem de lado tais discussões perdem espaço frente a todo um exército midiático de conhecimento sobre saúde e exercício físico.

Toda área possui seus problemas de identidade, de formação e produção de conhecimentos e com a Educação Física não foi e não é diferente. Separada atualmente em cursos de Bacharelado e Licenciatura, a área parece aparentemente ter dividido a preparação para a educação escolar, e aquela destinada àqueles que têm em seu horizonte a preocupação corporal, esportiva e de lazer. Dizemos “aparentemente”, por entendermos que na prática tais discussões não deveriam estar assim descoladas. Já que uma preocupação com a subjetivação dada no controle da saúde e da vida ativa não parece estar presente nos cursos de bacharelado e a preocupação legítima com os altos índices de sedentários e obesos também acaba não permeando a formação dos licenciados.

Tal formação fragmentada permite que, por um lado, tais discursos não estejam em suas preocupações na hora das discussões escolares com os alunos permitindo que a mídia – como dispositivo pedagógico contemporâneo bastante eficiente – tome para si este papel a partir de sua produção e circulação. Por outro lado, os bacharéis também são facilmente substituídos pelos blogueiros fitness, muitas vezes sem formação adequada, já que o corpo que se quer possuir, ou que somos levados a desejar, é quase sempre idêntico ou muito parecido com os dos blogueiros que em suas páginas já convidam: Welcome to my life! Que pode ser lido: Faça o que eu faço! Fique como eu, tenha o mesmo corpo que o meu!

Se a Educação Física na escola, ou ainda fora dela, não toma para si o papel de discussão de tais modelos de subjetivação corporal, torna-se claro que por um lado a mídia e todos que com ela trabalham assumem tal tarefa. A televisão e a internet tornam-se a forma de veiculação desses conhecimentos, por vezes, inclusive, chamados de “científicos”. Toda uma gama de informação se coloca ao dispor de quem com apenas um clique a procura, diferentemente da escola, que não se propõe a enfrentar tal problemática, diante de todos os problemas que já lhe são intrínsecos cotidianamente e todas as exigências que não param de aumentar a tal instituição. Trata-se aqui também de reconhecer que apesar de toda informação desencontrada, por vezes a mídia faz um bom papel, pois do contrário de que maneira as pessoas tomariam conhecimento de tais assuntos, já que na escola isso não acontece? Certamente, poderíamos concordar que para o bem e para o mal a mídia tem sua eficácia simbólica bastante eficiente, realizando plenamente seu trabalho e concretizando suas ações.

Desse modo parece-nos que a Educação Física escolar não pode prescindir da formação da estética corporal, que parece estar presente (e na maioria das vezes, apenas como preocupação com a potencialização e modelagem corporal e não como crítica) particularmente nos cursos de bacharelado, pois do contrário, em que outro lugar essas preocupações poderiam ser discutidas que não seja nas escolas? Assim nos aproximamos daquilo que Lovisolo (1998), já afirmava que deveria acontecer nas aulas de Educação Física:

Acredito que seja o que for a educação física escolar, a cultura esportiva e a cultura da modelagem corporal não poderão ficar fora de seus objetivos. Os objetivos da conservação pareceriam ficar fora de sua realidade quando, na verdade, trata-se de facilitar o desenvolvimento de potências corporais, intelectuais, morais e estéticas.

---

pelos cuidados com a própria saúde, ou seja, saberes relacionados um investimento em si e uma certa “prática pedagógica” que “ensina” os sujeitos a um modo de ser saudável.

<sup>12</sup> Bezerra (2012), em sua pesquisa de dissertação de mestrado, também analisou essa relação entre “corpo” e “saúde” a partir do referido quadro televisivo da emissora Rede Globo, de abril a junho de 2011. Em síntese, sua pesquisa evidenciou uma predominância de compreensões, saberes e práticas sobre corpo e saúde pautadas no biológico corporal, nas questões relacionadas a uma normatização e na generalização de formas de cuidado (ênfatisando o controle alimentar associado à prática de atividade física), bem como, as contribuições da própria Educação Física na construção desses discursos que enfatizam os aspectos biológicos.



E quando, sobretudo, trata-se de contribuir ativamente para que a instituição escolar seja vista e sentida como um lugar onde o emocionante, corporal e intelectual, ainda pode acontecer.

Mezzaroba (2012a) propõe uma reflexão em torno das questões da saúde na Educação Física escolar, ampliando o olhar para essa relação histórica entre saúde e tal campo do conhecimento, por considerar que isso merece, no nosso tempo presente, considerações mais aprofundadas aos professores deste saber, no sentido de ultrapassar o plano uniaxial de que a atividade física gera saúde automaticamente. Sugere, entre outras possibilidades, a mudança de enfoque, saindo do plano patogênico, cujo paradigma é a doença, em direção à salutogenia, em que a saúde (e sua verdadeira “promoção”) seria a centralidade da Educação Física, fugindo do discurso dos “riscos” e das “receitas prontas” em relação às práticas corporais, alimentação e modos de vida, ampliando tais discussões, reflexões e práticas.

Também aponta, em dois outros textos (MEZZAROBA, 2012b; 2012c) a possibilidade de uma abordagem multidisciplinar entre os campos da Educação Física com a Sociologia, no intuito de um aumento do repertório cultural e crítico de seus sujeitos sob sua responsabilidade pedagógica, com a perspectiva da mídia-educação em relação, por exemplo, a discussões quanto às questões corporais, aos padrões de beleza, às discussões sobre estética e saúde – bem como as interferências e influências da mídia nesses processos todos.

Visualizam-se, assim, novos desafios às questões curriculares da Educação Física, tanto nos cursos de formação de licenciados e bacharéis, bem como, principalmente, àqueles que compõem o cenário escolar, no trato pedagógico dessas possibilidades que os dias atuais nos colocam. Com tais exemplos apresentados e pela discussão realizada, na sequência do texto, partimos, então, para nossas considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrermos o caminho das discussões entre estética, saúde, Educação Física e mídia, fica apontado a necessidade da pesquisa e da reflexão sobre o fenômeno, que encerra inúmeras contradições. Mais do que nunca se torna claro que os processos de subjetivação engendrados pela indústria cultural ou ainda pela biopolítica (ou biopolítica informacional, no conceito cunhado por FRAGA, 2006) estão mais do que nunca presentes. Os exemplos mostrados acima, mas não somente eles, pois amanhã já haverá mais milhares deles disponíveis, demonstram como nosso corpo vem sendo controlado e produzido por tais publicações.

Conforme constatamos, a mídia, em seu conjunto, realiza um tipo de pedagogia corporal, ou seja, tematiza (intensamente), aponta sugestões, traz opiniões de especialistas das mais diversas áreas (geralmente médicos, nutricionistas e professores de EF ou mesmo fisioterapeutas), apresenta uma infinidade de imagens e de frases de impacto, positivando a relação entre a prática de atividades físicas com o discurso de uma alimentação saudável, definindo o que seria um corpo belo, saudável, perfeito, útil. Não podemos desconsiderar sua relevância na produção de sentidos e de um “regime de verdade” quanto ao corpo e à saúde na nossa forma contemporânea de viver. Entretanto, como professores que se dedicam a agir pedagogicamente nesse campo do saber – a Educação Física – há a necessidade, cada vez mais urgente, de trazer esses meios às salas de aula, questionando discursos repetitivos e consumistas, articulando criticamente visões quanto a esses “corpos”, permitindo a construção de estratégias em direção a um conhecimento reflexivo e amplo sobre os “assuntos” produzidos e que circulam nas mídias em geral.

A Educação Física desse modo não pode se eximir do papel de discuti-las, talvez criticando o papel exercido pela mídia a favor dos processos produzidos pelos dois conceitos acima citados e, por outro lado, talvez utilizando a mídia como ferramenta para contrapor tais métodos/conteúdos, pois como afirmamos, tais publicações parecem corresponder aos mais fortes anseios do indivíduo. Dessa forma, as revistas ilustradas que se ocupam do corpo e seu embelezamento e os canais esportivos, os blogs e programas de televisão que divulgam e exaltam os modelos corporais de beleza e perfeição, transformam-se no mais claro exemplo da indústria da boa forma do emagrecimento e da performance. Levar estas pesquisas adiante, e estas discussões para dentro da escola, torna-se mais um papel do professor, pois trata-se de oferecer olhar e leitura crítica dos fenômenos contemporâneos. Se

os alunos trazem esse “conhecimento” à escola, à sala de aula e aos vários espaços em que a EF realiza suas práticas pedagógicas, por que não aprofundar e complexificar o trato com essas informações cotidianas, no sentido de problematizar tais discursos?

Acreditamos que as reflexões e análises aqui presentes constituem-se no bojo deste dossiê temático, ou seja, Corpo e Governabilidade, que pretendeu trazer para o debate fenômenos da sociedade e a questão da governabilidade. No nosso caso, trata-se de um texto que circulou na tríade saúde, estética e mídia, bem como suas implicações à Educação Física como campo de conhecimento.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Estética. In: \_\_\_\_\_. Dicionário de Filosofia. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.367-374.
- ALBINO, Beatriz S.; VAZ, Alexandre F. O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 199-223, janeiro/abril de 2008.
- BETTI, Mauro. Por uma teoria da prática. Motus Corporis, Rio de Janeiro/RJ, v.3, n.2, p.73-127, dez./1996.
- BETTI, Mauro. Educação Física. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Dicionário crítico de Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005, p.144-150.
- BETTI, Mauro; PIRES, Giovani De Lorenzi. Mídia. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Dicionário crítico de Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005, p.282-88.
- BEZERRA, Hudson Pablo de Oliveira. Corpo e saúde: reflexões sobre o quadro “Medida Certa”. Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Dissertação de Mestrado. Natal/RN, 2012, 206f.
- BORTOLAZZO, Sandro Faccin; MACHADO, Roseli Belmonte. A mídia incitando estilos de vida saudáveis: uma análise do quadro “Medida Certa” do Programa Fantástico. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon/PR, vol.12, n.1, 2014. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/11313>>. Acesso em: 10 março 2016.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 15ª. edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BRACHT, Valter. Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz. Ijuí: Unijuí, 1999.
- BRACHT, Valter. Saber e fazer pedagógicos: acerca da legitimidade da Educação Física como componente curricular. In: CAPARRÓZ, Francisco E. Educação Física escolar: política, investigação e intervenção. Vitória: Proteoria, 2001, p.67-78.
- CARVALHO, Yara M. de. O ‘mito’ da atividade física e saúde. 4a. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- CORREIA, Élder Silva; ZOBOLI, Fabio; MEZZARROBA, Cristiano. Os padrões de beleza corporal masculino e as interfaces com a cultura, a ciência e o mercado. Praxia – Revista Online de Educação Física da UEG, Quirinópolis/GO, v.1, n.1, 2013. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/praxia/article/view/891>>. Acesso: 20 março 2016.
- COSTA, Belarmino Cesar Guimarães da. Barbárie estética e produção jornalística: a atualidade do conceito de Indústria Cultural. Educação & Sociedade, Campinas, v. 22, n. 76, p. 106-120, out. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302001000300007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000300007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 março 2016>
- DUARTE, Rodrigo. Indústria cultural: uma introdução. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- DURÃO, F.A.; ZUIN, A.A.S.; VAZ, A.F. (Orgs.). A indústria cultural hoje. São Paulo: Boitempo, 2008, 215p.
- FRAGA, Alex Branco. Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa. Campinas: Autores Associados, 2006.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. História da Sexualidade. Rio de Janeiro: Graal, 2015.
- GONÇALVES, Aguinaldo. Saúde. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Dicionário crítico de Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2005, p.378-379.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Unijuí, 1994.

\_\_\_\_\_. Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. Movimento, Porto Alegre/RS, ano 6, n.12, 2000/1, p.1-13.

LOVISOLO, Hugo. A paisagem das tribos na Educação Física. In: Lecturas: Educación Física y Deportes. Buenos Aires, año 3, n. 12, diciembre 1998. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd12/hlov.htm>>. Acesso: 5 março 2016.

MATOS, Keyte dos Santos; MEZZARROBA, Cristiano; ZOBOLI, Fabio. O “garoto propaganda” Neymar – Sentidos de corpo masculino e modos de endereçamento através de propagandas comerciais. Conhecimento OnLine, Novo Hamburgo/RS, v.2, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/198>>. Acesso em: 28 março 2016.

MELO, José Pereira. Perspectivas da Educação Física Escolar: reflexão sobre a Educação Física como componente curricular. Revista Brasileira Educação Física e Esportes, São Paulo, v.20, n.5, p.188-90, set., 2006. Suplemento.

MEZZARROBA, Cristiano. Ampliando o olhar sobre saúde na Educação Física escolar: críticas e possibilidades no diálogo com o tema do meio-ambiente a partir da Saúde Coletiva. Motrivivência, Florianópolis/SC, ano XXIV, n.38, p.231-246, junho/2012a. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2012v24n38p231>>. Acesso: 30 março 2016.

MEZZARROBA, Cristiano. Sociologia e Educação Física: uma abordagem multidisciplinar no trato com o conhecimento e na formação inicial. Efdportes – Lecturas, Educación Física y Deportes, Buenos Aires, ano 15, n.166, março/2012b. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd166/sociologia-e-educacao-fisica-abordagem-multidisciplinar.htm>>. Acesso: 15 março 2016.

MEZZARROBA, Cristiano. Possibilidades multidisciplinares: tornando possível a aproximação entre Educação Física e a Sociologia. Conhecimento Online, Novo Hamburgo/RS, v.2, 2012c. Disponível em: <<http://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/255>>. Acesso em: 25 março 2016.

NOVO DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO, versão 5.0. Positivo Informática, 2004.

OROFINO, Maria Isabel. Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2005.

PALMA, Alexandre. Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.22, n.2, p.23-39, jan. 2001.

PALMA, Alexandre. A saúde sob o olhar dos estudos socioculturais – dificuldades, possibilidades e desafios. In: RECHIA, Simone et al. Dilemas e desafios da Pós-Graduação em Educação Física. Ijuí/RS: Editora Unijuí, 2015, p.205-217.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Definindo a idade média na contemporaneidade. Idade Média, São Paulo/SP, ano II, n.3, junho/2003, p.7-21.

SETTON, Maria da Graça. Mídia e educação. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Brianna Costa Macedo; MEZZARROBA, Cristiano; ZOBOLI, Fabio. A influência da Revista Capricho na construção de um senso estético entre as jovens. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon/PR, vol.12, n.1, 2014. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/9807>>. Acesso em: 10 março 2016.

SOARES, Carmen. Educação Física: raízes européias e Brasil. 4ª ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOARES, Carmen et al. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

THOMPSON, John. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 8ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

TORRI, Danielle. Teoria Crítica do Esporte: atualidade, disputas e interpretações. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Dissertação de Mestrado. Florianópolis/SC, 2008.

VAZ, Alexandre F. Técnica, Esporte, Rendimento. Revista Movimento, Porto Alegre, vol. VII, 2002. p. 87-99.

ZIONI, F.; WESTPHAL, M.F. O enfoque dos determinantes sociais de saúde sob o ponto de vista da teoria social. Saúde e sociedade, São Paulo, v.16, n.3, p.26-34, 2007.

ZUIN, Sobre a atualidade do conceito de indústria cultural. Caderno CEDES, ano XXI, n.54, agosto/2011, p.9-18.

## MINIBIOGRAFIA

### Cristiano Mezzaroba ()



Licenciado em Educação Física e Ciências Sociais, ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, com Mestrado em Educação Física – Linha Teoria e Prática Pedagógica/UFSC e atualmente cursando o doutorado em Educação – Linha Sociologia e História da Educação, também na UFSC. É professor Adjunto I do Departamento de Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Sergipe/UFS. Também é integrantes dos Grupos Labomidia/UFS/UFSC e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade

Contemporânea/CNPq/UFSC.

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1835801891069733>

### Danielle Torri ()



Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina com mestrado em Educação na mesma instituição. Tem experiência na área de Educação Física com ênfase em Educação e metodologia de ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: indústria cultural, educação do corpo, educação escolar, Escola de Frankfurt e Sociologia da Educação. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea.

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0196676017147241>